

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Alexandre Raicevich de Medeiros

ARTHUR NAPOLEÃO, O PIANO
VIRTUOSO E O TABULEIRO DE
XADREZ: UM EXERCÍCIO DE
SOCIABILIDADE DO IMPÉRIO À
REPÚBLICA

MEDEIROS, Alexandre Raicevich de
ARTHUR NAPOLEÃO, O PIANO VIRTUOSO E O TABULEIRO
DE XADREZ: UM EXERCÍCIO DE SOCIABILIDADE DO
IMPÉRIO À REPÚBLICA

R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 182(486): 189-218, mai./ago. 2021

Rio de Janeiro
mai./ago. 2021

ARTHUR NAPOLEÃO, O PIANO VIRTUOSO E O TABULEIRO DE XADREZ: UM EXERCÍCIO DE SOCIABILIDADE DO IMPÉRIO À REPÚBLICA

ARTHUR NAPOLEÃO, THE VIRTUOUS PIANO AND THE CHESSBOARD: AN EXERCISE IN SOCIABILITY FROM THE EMPIRE TO THE REPUBLIC

ALEXANDRE RAICEVICH DE MEDEIROS¹

Resumo:

O presente artigo versa sobre a importância do compositor e pianista português Arthur Napoleão (1843-1925), para a formação de uma rede de sociabilidade cultural no Rio de Janeiro do fim do século XIX. Através da inserção de sua música no ambiente sociocultural carioca do período, e da consolidação de sua nova perspectiva laboral no campo da música, como empreendedor e mediador cultural, desde seu estabelecimento definitivo no Brasil em 1868. Por meio da organização de estabelecimentos comerciais voltados para a venda de pianos e partituras musicais que se tornaram importantes espaços de sociabilidade na Corte e depois capital federal da República, ao longo da sua vida. E paralelamente às práticas musicais, por sua intensa atividade em relação a prática do enxadrismo, que muito colaborou para a divulgação e desenvolvimento do jogo na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Arthur Napoleão; Música no Rio de Janeiro; Rede de Sociabilidade; Enxadrismo.

Abstract:

The article discusses the importance of Arthur Napoleão (1843-1925), a composer and pianist from Porto who contributed to the development of a network of cultural sociability in Rio de Janeiro at the end of the 19th century. As an entrepreneur and cultural mediator, he introduced his music into the socio-cultural environment of Rio de Janeiro after settling definitively in Brazil in 1868, where he consolidated his work as a musician. Throughout his life, he helped set up commercial establishments focused on the sale of pianos and musical scores, which became important spaces of sociability in the Court and, later, in the capital of the Republic. Parallel to his musical activities, he was also a keen chess player who helped to develop and promote the game in the city of Rio de Janeiro.

Keywords: Arthur Napoleão; music in Rio de Janeiro; sociability network; chess.

O século XIX trouxe diversas transformações para o universo da música na Europa. As práticas musicais passaram por um longo processo de revalorização, deixando de ser reconhecidas como apenas parte de um “elemento cerimonial”, tornando-se uma marca de prestígio social, independente, a conquistar progressivamente novos espaços. Foram criadas sociedades musicais nos grandes centros culturais do velho continente, como a *The Royal Philharmonic Society* (1813) e a *New Philharmonic Society* (1859) em Londres, a *Société des Concerts du Conservatoire*

1 – UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: alexandreraicevich@gmail.com.

(1828) e a *Colonne Orchestra* (1873) em Paris, e a *Berlin Philharmonika* (1882), que nas suas temporadas chegavam a reunir um público de 2000 a 3000 pessoas. Assim, durante todo o Oitocentos, o público europeu teve contato constante com grande diversidade de tipos de práticas musicais, desenvolvendo sua “competência cultural”, e aprendendo a diferenciar e a apreciar a qualidade sonora das novas formações orquestrais que se apresentavam nesses espaços. A aceleração dos processos de industrialização proporcionou a confecção de instrumentos de maior qualidade, mais calibrados e mais afinados. Conseqüentemente, os instrumentistas passaram a ter mais possibilidades na sua execução, e com isso ocorreu o surgimento e a valorização do virtuosismo nas apresentações. Frente a tantas oportunidades, deu-se o surgimento de gerações de compositores e instrumentistas que começaram a divulgar suas composições e a apresentar-se, pelos recém-criados palcos de todo o continente².

Em Portugal, D. João V fundara em 1713 um Seminário destinado ao ensino especial da música. Essa instituição teve o seu período mais próspero durante o reinado de D. José I, entre 1750 e 1777, quando contou com um grupo de professores formado pelos mais notáveis compositores de ópera, música religiosa e profana, como, David Peres, João de Souza Carvalho, Antônio Leal Moreira, Marcos Portugal, João José Baldi, Frei José Marques e Francisco Xavier Migoni. O Seminário foi duramente atingido pelos reveses da política interna lusa nas primeiras décadas do século XIX. Em 1815, com D. João ainda no Brasil, se deu uma primeira tentativa de restauração do Seminário que só se concretizou com o retorno do monarca, quando as famílias dispersas retornaram à Corte. O ensino de música instrumental foi incluído no programa de aulas, com João Jordani, lecionando instrumentos de corda, Francisco Kuckenbuck os metais e José Avelino Canongia as palhetas. A instituição foi fechada pelo Governo Liberal, numa de suas medidas reformadoras, em 1834. No ano seguinte, foi fundado um Conservatório anexado à *Casa Pia* que reintegrou alguns dos professores do extinto Seminário, e teve como di-

2 – MASIN, Jean. & Brigitte. *História da Música Ocidental*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1997, p. 661-673.

retor João Domingos Bomtempo. Nesse mesmo período foram fundadas outras instituições em Lisboa ligadas à cultura, como o Teatro Nacional de Lisboa, de 1836, e o Conservatório Geral de Arte Dramática, criado por um decreto em 15 de novembro de 1836, que acabou por incorporar o Conservatório de Música criado no ano anterior, o qual passou a constituir uma Escola de Música da nova instituição³.

Ainda nos primeiros anos do século XIX, na cidade do Porto, a arte e a ciência tiveram um grande desenvolvimento, mesmo frente às incertezas que assolavam o país. Foram criados em 1833 a Real Biblioteca Pública da cidade do Porto, solenizando o aniversário da cidade, e o Museu Portuense, o primeiro museu de arte de Portugal, que tinha como objetivo preservar o patrimônio artístico vindo dos conventos extintos e utilizá-lo para fins culturais e pedagógicos. Posteriormente, o Museu Portuense e a Associação dos Amigos da Arte constituída em 1835, foram anexados à Academia Portuense de Belas-Artes criada em 1836. Nesse período também foram criados o Liceu Nacional do Porto e a Escola Médico-Cirúrgica do Porto, ambos em 1836, transparecendo assim a prosperidade cultural que envolveu a região⁴.

Arthur Napoleão dos Santos nasceu na cidade do Porto, na região da Beira, em 06 de março de 1843 e foi revelado pelo pai, o professor de piano napolitano Alexandre Napoleão, ainda na infância como um prodígio musical. Sua estreia pública se deu num concerto da Philharmonica Portuense, em 03 de dezembro de 1849, quando ainda não completara 7 anos de idade. Com o sucesso da apresentação o jovem Arthur Napoleão foi homenageado pelo escritor português Camilo Castelo Branco. “Dir-se-ia que as trêmulas mãos do menino curvavam a fronte de seu pai e mestre, quando os aplausos estrondeavam na sala. Os louvores animaram o jubiloso pai a levar seu filho à apreciação de mais numeroso público⁵”.

3 – SANTOS, Maria Luiza de Queiróz Amâncio dos. *Origem e evolução da música em Portugal e sua influência no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924, p. 72-75.

4 – PERES, Damião. *História da Cidade do Porto*. Portucalense Editora, p. 479-485, vol. II.

5 – BRANCO, Camilo Castelo. *Cousas leves e pesadas*. 2.ed. Portugal: Parceria Antonio Maria Editora, 1908, p. 163.

Em 24 de janeiro de 1850, deu-se um concerto no Theatro São João na cidade do Porto, no qual Arthur Napoleão foi o solista. Nesta noite a orquestra foi regida pelo afamado maestro portuense João Ribas, que chegou a opinar num jornal da época, *O Periódico dos Pobres*, que Alexandre Napoleão deveria apresentar com urgência o talento de seu filho à cidade de Lisboa⁶.

Assim, após algumas apresentações na sua cidade natal foi levado a Lisboa onde teve o talento reconhecido pela elite local. Arthur Napoleão descreveu nas suas *Memórias*⁷ o encanto da sua chegada a Lisboa, demonstrando tratar-se de “um mundo novo” que surgia diante de olhos infantis. Na sua passagem pela capital portuguesa os Napoleão ficaram hospedados na residência de um casal amigo, os Aldosser. Em relação às atividades profissionais, Alexandre Napoleão se dedicava a buscar os meios necessários para inserir o filho nos espaços em que a sua musicalidade precoce pudesse ser reconhecida. No tempo livre, Alexandre costumava jogar gamão com o senhor Jacob Aldosser, enquanto o pequeno pianista era mimado pela anfitriã Dona Adelaide.

Enfim, a inclusão dos Napoleão no ciclo da elite de Lisboa se deu através da proteção dos irmãos Antônio Bernardo da Costa Cabral, Ministro do Reino, e José Bernardo da Silva Cabral, Chefe do Supremo Tribunal de Justiça. Arthur Napoleão frequentou os saraus do Palacete do Poço Novo, residência de José Bernardo da Silva Cabral, após ser recomendado por carta à esposa do Primeiro-ministro, a senhora Maria Emilia Pereira da Silva⁸.

Tanto a afeição de D. Maria Emilia pelo pequeno pianista quanto o seu talento facilitaram a organização de um concerto no Theatro de São

6 – NAPOLEÃO, Arthur. *Memórias*, 1907, p. 6.

7 – O texto das memórias de Arthur Napoleão, datado de 1907, foi objeto da nossa Tese de Doutorado em História na Uerj em 2013, sob o título *Uma memória ímpar: a trajetória de Arthur Napoleão na sociabilidade musical de dois continentes (1843-1925)*. Uma cópia datilografada desse texto autobiográfico que foi publicado pelo periódico *Correio da Manhã* entre 4 de setembro de 1925 e 7 de fevereiro de 1926, faz parte do acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ.

8 – NAPOLEÃO, 1907, p. 8.

Carlos, em 29 de maio de 1850, que contou com a presença dos soberanos D. Maria II e D. Fernando. O programa apresentado foi composto pela *Fantasia para violoncelo e piano*, e por um *Rondó para piano*, ambos de autoria do próprio Arthur Napoleão; também foi executada a Abertura da ópera *Zampa* (1831) para piano a quatro mãos do compositor francês Louis Joseph Ferdinand Hérold. O pequeno pianista portuense foi acompanhado pelo pai na execução da peça para piano a quatro mãos, e pelo violoncelista Guillerme Antonio Cossoul. Esse concerto teve destaque n' *O Estandarte*, um periódico fundado por José Bernardo da Silva Cabral, com a seguinte notícia:

O pequeno artista que mal se distinguia em scena, apresentou-se com um garbo e desembaraço, que a todos causou espanto. Saudou suas majestades, e saudou o público, como se fora um ator de muitos anos. Foi o bastante para romperem as palmas da platéia e dos Camarotes. [...] Em Honra do pequeno artista espalharam-se diversas composições poéticas, que publicaremos!. Por hoje damos esta breve notícia, aproveitando também a ocasião para felicitar a virtuosa protetora do beneficiado e sua patrícia, por ter visto coroados os seus esforços e por ter talvez aberto ao seu protegido uma carreira brilhante⁹.

O brilhantismo do recital, levou Arthur Napoleão ao Paço das Necessidades em 31 de maio de 1850, onde se apresentou, mais uma vez, para os regentes D. Maria II e D. Fernando, que cantou um trecho da ópera *I due Foscari* acompanhado pelo pequeno pianista. Outras apresentações se seguiram no Teatro D. Maria e no Teatro D. Fernando, tendo sido a última registrada, mais uma vez, pelo *O Estandarte*, “O jovem artista andou pelos camarotes, onde as mais belas damas o cobriam de beijos, o padre José da União, chama-lhe o Napoleão da música¹⁰”.

Em 1852, aos 9 anos, Arthur Napoleão deixou Portugal e percorreu cerca de dezessete países entre a Europa e as Américas, contando sempre com a companhia do pai, que além de ser seu primeiro professor de piano,

9 – Artigo publicado no periódico *O Estandarte*, 31 de maio de 1850. BNP. Disponível em: <http://purl.pt/14335/1/>. Acesso em: 22.03.18.

10 – NAPOLEÃO, 1907, p. 8.

também tutelava sua carreira entregando cartas de apresentação, organizando seus concertos e viagens¹¹.

Essa busca e valorização de pequenos talentos musicais foi muito comum nos séculos XVIII e XIX. Iniciados quase sempre pelos próprios pais, ou tendo frequentado conservatórios, essas crianças se destacavam por apresentarem talentos precoces tanto em *performance*, quanto em relação à prática da composição. No Oitocentos, muitos cantores e instrumentistas se tornaram celebridades, e procuravam executar um repertório de extrema dificuldade capaz de hipnotizar e emocionar o público¹².

Conseqüentemente, a trajetória artística de Arthur Napoleão se entrecruzou com a dos principais artistas do universo musical do período, como Sigismond Thalberg, Giacomo Meyerbeer, Hector Berlioz, Henri Herz, Charles Hallé, Clara Schumann, Gioachino Rossini, Carl Reinecke e Franz Liszt. A música desses artistas era apreciada nos salões frequentados por membros da aristocracia e da burguesia em ascensão. Esses espaços eram muito desejados pelos Napoleão, principalmente pelos possíveis favorecimentos resultantes das talentosas apresentações, que podiam variar desde algum recurso financeiro, até uma melhoria no *status* social do músico e de seus familiares¹³.

Arthur Napoleão visitou o Brasil por três vezes (1857, 1862 e 1866), até se fixar definitivamente em 1868 na cidade do Rio de Janeiro, onde se tornou, além de pianista e compositor, um atuante homem de negócios do campo das artes.

Ao estabelecer-se no Rio de Janeiro, Arthur Napoleão decidiu investir no campo dos negócios ligados à música, sem abandonar, entretanto, sua carreira de concertista. Após uma longa série de conversas o pianista optou por dedicar-se ao mercado de partituras e instrumentos musicais.

11 – *Ibid.*, p. 8-10.

12 – GRIFFEL, L. Michael. The Romantic and Post-Romantic Eras. In: SCHIMER. *History of Music*. New York: Schimer Books, 1982, p. 591.

13 – ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, p. 68-70.

Tratava-se de um mercado voltado especificamente para as práticas musicais vigentes, que se intensificaram na segunda metade do século XIX e se propagaram até as primeiras décadas do século XX.

As condições propícias para a formação desse mercado musical se baseavam em quatro pontos, sendo os dois primeiros ligados ao surgimento de um número crescente de produtores, ou melhor de compositores que passaram a ter suas peças publicadas e comercializadas. Em consequência deu-se a formação de um público consumidor, capaz de não medir esforços para adquirir as mais recentes edições musicais do período. O terceiro ponto era o responsável pela ligação entre os precedentes, satisfazendo tanto aos produtores quanto aos consumidores. Eram as lojas especializadas, espaços nos quais se comercializavam as partituras e os instrumentos musicais, que se espalhavam pela cidade, envolvendo um grande número de profissionais, como técnicos em impressão e copistas, sempre dedicados à chegada do produto final às vitrines. Por fim, dava-se a consagração das peças, que eram divulgadas pelos periódicos e rapidamente integradas ao repertório executado nos palcos e salões da cidade.

Um ano depois da sua chegada ao Brasil, Arthur Napoleão se associou ao português Narciso José Pinto Braga, que era proprietário de um estabelecimento que comercializava pianos e partituras musicais, e fundou a Narciso, Arthur Napoleão & Cia (1869-1870)¹⁴. A prosperidade dos negócios com Narciso Braga levou Arthur Napoleão a ampliar seus investimentos, passando desde então a ter seu nome sempre ligado a estabelecimentos voltados para o comércio de partituras e instrumentos, como Narciso & Arthur Napoleão (1870-1877), Arthur Napoleão & Miguez (1878-1880), Narciso, Arthur Napoleão & Miguez (1880-1882), Narciso & Arthur Napoleão (1882-1889) e Arthur Napoleão & Cia. (1895-1913).

Dentre estas firmas destacamos a que associou Arthur Napoleão e o jovem e talentoso violinista Leopoldo Miguez¹⁵. *A Arthur Napoleão & Miguez (1878-1880) além de manter o trabalho de edição de parti-*

14 – NAPOLEÃO, 1907, p. 145.

15 – *Ibid.*, p. 191.

turas, passou a comportar um pequeno salão destinado a apresentações de música de câmara e concertos solo, abertas a um público não muito diferente do frequentador dos grandes clubes e das sociedades musicais cariocas do período¹⁶. Esses espaços tinham dependência do patronato, sendo a fundação de uma sociedade musical um símbolo de *status* social, por serem extremamente elitistas, impondo aos sócios um rígido processo de seleção no qual as fichas de inscrição só eram aceitas depois de serem examinadas pelos membros da diretoria. Nesses espaços, os sócios e suas famílias podiam mostrar publicamente sua cultura e posição social, que eram reconhecidos como símbolos de distinção e influência¹⁷.

Para que o campo musical funcionasse, era necessária a presença dos executantes que iriam dar vida às formações, tentando reproduzir aqui o modelo europeu, proporcionando aos frequentadores distração e um convite à sociabilidade¹⁸. Em sua maioria, esses músicos vinham das classes pobres da população, o que não impedia que alguns possuíssem técnica musical refinada, obtida muitas vezes nas aulas ministradas por músicos que chegavam à cidade com as companhias líricas. A presença desses estrangeiros era constante no universo musical no Rio de Janeiro do fim do século XIX, transitando pelos palcos dos clubes e das sociedades, apresentando-se em óperas e operetas, montadas por companhias italianas, francesas, espanholas e portuguesas¹⁹.

Pelo palco da Casa Arthur Napoleão & Miguez passaram diversas atrações, tanto nacionais quanto internacionais, o que pode comprovar a ocorrência de uma circularidade constante de músicos. Dentre os instrumentistas internacionais podemos citar o violinista português Francisco Pereira da Silva Costa²⁰, o violoncelista português Frederico

16 – Salão Arthur Napoleão & Miguez. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro: ano II, n.1, em 03 de janeiro de 1880. (BNRJ).

17 – MAYER, Arno J. *A força da tradição. A persistência do Antigo Regime (1848-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 248.

18 – Theatro S. Pedro. *Jornal do Commercio*, 13 de setembro de 1885. (BNRJ).

19 – MAGALDI, Cristina. *Music in Imperial Rio de Janeiro: European Culture in a Tropical Milieu*. Lanham (MD): The Scarecrow Press Inc., 2004, p. 62-69.

20 – Nascido na cidade do Porto, Francisco Pereira da Silva Costa foi aluno de Alard no Conservatório de Paris, chegando ao Rio de Janeiro em 1871 onde atuou como instru-

do Nascimento²¹, e o violinista cubano José White que viveu no Brasil entre 1879 e 1889. Quanto ao público que frequentava a sociedade podemos destacar que o concerto de José White em 30 de dezembro de 1879, no salão da Casa Arthur Napoleão & Miguez, reuniu “Um núcleo de distinctíssimas senhoras, ministros d’estado, músicos notáveis, e outras pessoas gradas²²”. O virtuose da flauta e filho de escravos Viriato Figueira da Silva²³, e o então jovem e talentoso pianista Ernesto Nazareth²⁴ foram alguns dos artistas nacionais que se apresentaram no salão da Casa Arthur Napoleão & Miguez.

Em relação à tarefa primordial do estabelecimento, destacamos dentre as partituras editadas pela Casa Arthur Napoleão & Miguez a primeira peça de Ernesto Nazareth, a polca-lundu *Você bem sabe*, em 1877, que o compositor dedicou ao seu pai, contando com um anúncio publicado no *Jornal do Commercio* um ano depois: “Sahio a luz : Você bem sabe, linda polca para piano, composição do distinto pianista Ernesto Júlio Nazareth, acha-se a venda unicamente em casa de Arthur Napoleão & Miguez – 89 Rua do Ouvidor 89²⁵”. A pianista Chiquinha Gonzaga também teve diversas composições editadas pela firma de Arthur Napoleão, dentre as quais a balada *Manhã de Amor* (ca. 1881)²⁶, e a valsa *Carlos Gomes* (ca. 1880)²⁷, escrita em homenagem ao maestro e compositor brasileiro.

mentista e professor.

21 – Nascido em Setúbal chegou ao Rio de Janeiro em 1880. Sendo indicado em 1890 para a cadeira de professor no Instituto Nacional de Música, tendo Heitor Villa-Lobos como um de seus alunos.

22 – Salão Arthur Napoleão & Miguez. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro: ano II, n. 1, em 03 de janeiro de 1880. (BNRJ).

23 – Concerto Scolari. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro: ano I, n. 20, em 17 de maio de 1879. (BNRJ).

24 – Salão do Club Mozart. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro: ano II, n. 6, em 13 de março de 1880. (BNRJ).

25 – Arthur Napoleão & Miguez. *Jornal do Commercio*, 25 de dezembro de 1878. (BNRJ).

26 – Novas publicações. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro: ano II, n. 14, em 26 de junho de 1880. (BNRJ).

27 – Homenagens a Carlos Gomes. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro: ano II, n. 17, em 17 de julho de 1880. (BNRJ).

Além das partituras, a Arthur Napoleão & Miguez editou e publicou um periódico intitulado *Revista Musical e de Bellas Artes* (1879-1880)²⁸. A primeira página do seu primeiro exemplar em 4 de janeiro de 1879 destacava a falta de outra revista que tratasse especificamente das questões da música e das belas-artes no Brasil. O artigo relatava que esse problema já encontrava solução em países “até mais *atrazados*” que possuíam um, ou até mais periódicos responsáveis por registrar as atividades artísticas dos seus nacionais. Concluindo, afirmava: “Não nos iludimos com as pretensões de suprir de remédio infalível este mal. O que podemos asseverar é que, o que nos falta em forças e competência, sobejanos em diligência e boa vontade²⁹”.

No seu primeiro ano de circulação, a *Revista Musical e de Bellas Artes* foi publicada semanalmente, contando com 52 números. Em 1880, no primeiro semestre ocorreram irregularidades na periodicidade de publicação da revista, com alguns meses apresentando ora dois ou três exemplares aleatoriamente. No segundo semestre as publicações voltaram a ser semanais, o que totaliza portanto, 38 exemplares da revista editados no seu último ano.

Uma nota constante na primeira página dos seus 90 exemplares apresentava o periódico como um *Semanário Artístico*, publicado aos sábados e cujo preço da assinatura na Corte era de 10\$000 anual, 6\$000 semestral e 4\$000 trimestral, enquanto que na província a anuidade era de 12\$000 e a semestralidade de 7\$000. A contracapa era sempre dividida entre a propaganda, e uma descrição sumária da revista, como um periódico responsável pela publicação de matérias relativas ao movimento artístico nacional e estrangeiro, além de artigos musicais didáticos, análise de óperas, crítica e seções referentes às belas-artes.

28 – MEDEIROS, Alexandre Raicevich de. *A Revista Musical e de Bellas Artes (1879-1880)*. In : BESSONE, Tania; RIBEIRO, Gladys Sabina; GONÇALVES, Monique de Siqueira; MOMESSO, Beatriz (orgs.). *Cultura escrita e circulação de impressos no Oitocentos*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2016, p. 85-104.

29 – Revista Musical. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro: ano I, n. 1, em 04 de janeiro de 1879. (BNRJ).

A revista podia ser adquirida pelo público em geral, e apesar de sua ligação direta com os eventos organizados pelo estabelecimento de Arthur Napoleão e Leopoldo Miguez, também costumava retratar nos seus artigos as especificidades de todo o universo cultural do Rio de Janeiro no fim do século XIX. Dentre seus colaboradores se encontravam o cronista Urbano Duarte; o engenheiro André Rebouças; o pianista, crítico de arte e dramaturgo Oscar Guarabarino; o Visconde de Taunay, Alfredo d'Escragolle Taunay, o engenheiro-arquiteto, jornalista e músico Alfredo Camarate, Alfredo Bastos e o próprio Arthur Napoleão³⁰.

Quanto aos artigos, muitos dos textos publicados eram traduzidos e copiados de livros ou periódicos que costumavam circular pela França, Inglaterra e Alemanha. Os artigos sobre os compositores Jean-Philippe Rameau, Johann Sebastian Bach, Franz Schubert, Robert Schumann e Felix Mendelssohn foram retirados do livro *Symphonistes et virtuoses*, 1878, de autoria do pianista e professor do Conservatório de Paris, Antoine François Marmontel³¹. Outros três textos retirados de periódicos franceses, foram escritos pelos compositores Hector Berlioz, *Os maus e os bons cantores, o publico e a claque*³², e *Da imitação musical*³³; e Franz Liszt, *Uma noite na casa de Chopin*³⁴. Já o artigo sobre o compositor Ludwig van Beethoven, intitulado *Testamento de Beethoven*³⁵, foi retirado do periódico *Neue Zeitschrift für Musik*. A *Revista Musical e de Bellas Artes* também publicou integralmente os *libretos* das óperas

30 – NAPOLEÃO, 1907, p. 194.

31 – MARMONTEL, Antoine François. *Symphonistes et virtuoses*. Paris: Imprimerie Centrale des Chemins de Fer, 1878.

32 – Os maus e os bons cantores, o publico e a claque. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro: ano I, n. 48, em 29 de novembro de 1879. (BNRJ).

33 – Da imitação musical. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro: ano I, n. 34, em 23 de agosto de 1879. (BNRJ).

34 – Uma noite na casa de Chopin. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro, ano I, n. 47, em 22 de novembro de 1879. (BNRJ).

35 – Testamento de Beethoven. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro: ano I, n. 24, em 14 de junho de 1879. (BNRJ).

Don Carlo (1867) de Giuseppe Verdi³⁶, e *Le Roi de Lahore* (1877) de Jules Massenet³⁷.

Outros temas não tão próximos ao universo da música costumavam aparecer com certa frequência nas páginas do periódico. Podemos citar: o *Resumo da História da Arte Antiga na Grécia e em Roma*, assinado por Pedro Laurent³⁸, e *Os Lusíadas* de autoria de André Rebouças, que divulgava a publicação da luxuosa edição da obra de Camões em 1880, pelo alemão Karl Emil Biel³⁹.

Por mais que variassem os temas da *Revista Musical e de Bellas Artes*, repara-se, no entanto que, da produção ao consumo, isto é, dos autores dos artigos aos leitores, a preferência era decididamente pelo gênero romântico, gosto estético tão em voga no continente europeu por quase todo o século XIX, e que garantia o sucesso do periódico entre a elite sociocultural brasileira, sempre disposta a seguir as tendências europeias.

Desde a sua primeira passagem pelo Rio de Janeiro em 1857, Arthur Napoleão teve o seu talento reconhecido pela sociedade carioca. Poucos dias após desembarcar do vapor Calcutta⁴⁰, *O Folhetim do Jornal do Commercio* anunciava em 19 de julho de 1857 que,

o célebre jovem pianista Arthur Napoleão, que tantos aplausos têm colhido em todas as capitais da Europa, e ainda ultimamente na Polônia, Áustria e Prússia, pretende visitar o Rio de Janeiro, vindo no Vapor Calcutá, que devia partir da Inglaterra em 04 do corrente. Se se verificar esta notícia, teremos ocasião de apreciar um artista de talento

36 – Don Carlo. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro: ano I, n. 34, em 23 de agosto de 1879. (BNRJ).

37 – Le Roi de Lahore. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro: ano I, n. 37 e 38, em 13 e 20 de setembro de 1879. (BNRJ).

38 – LAURENT, Pedro. *Resumo da História da Arte Antiga na Grécia e em Roma*. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro: ano I, n. 50, 51 e 52, em 13, 20 e 27 de dezembro de 1879; e ano II, n. 1, em 03 de janeiro de 1880. (BNRJ).

39 – REBOUÇAS, André. *Os Lusíadas*. *Revista Musical e de Bellas Artes*, Rio de Janeiro, ano II, n. 15, em 03 de julho de 1880. (BNRJ).

40 – NAPOLEÃO, 1907, p. 51-52.

reconhecido, e que já goza de justo renome no velho mundo. Venha ele! Eu gosto de ver esta gente na minha terra.

O artigo deixa claro uma calorosa expectativa da sociedade carioca pela oportunidade de conhecer e apreciar o talento de um grande instrumentista europeu, ao registrar no periódico a alegria “de ver esta gente na minha terra⁴¹”.

Ao chegar no Rio de Janeiro, Alexandre Napoleão não alterou a forma de administrar a carreira do filho, que foi reconhecido como sensação pelos patrícios residentes na Corte do Império do Brasil. Logo após se instalarem, Arthur Napoleão e o pai visitaram o Imperador D. Pedro II, e, como de costume, entregaram cartas de apresentação⁴².

Dias depois, o *Jornal do Commercio* fazia mais uma referência a Arthur Napoleão. Nesse artigo, Alexandre Napoleão era citado como um “modesto mestre do piano”, e Arthur era chamado de “menino diabo”, que parecia ter “um espirito maligno na ponta de cada um dos seus dedos⁴³”.

Ao concluir a *tournée*, que além do Rio de Janeiro incluiu uma breve passagem por Montevideu e Buenos Aires, Alexandre Napoleão decidiu retornar à cidade do Porto em 1858. Entretanto, o talento do jovem pianista deixou uma grande impressão no público carioca, e despertou o interesse de Alexandre Napoleão para as possíveis oportunidades financeiras que poderiam advir do retorno do filho aos palcos brasileiros.

Os Napoleão aportaram pela segunda vez na cidade do Rio de Janeiro em 1862, onde puderam colher de imediato os frutos da sua primeira passagem pela capital Imperial. O periódico carioca *O Futuro* (1862-1863), editado pelo jornalista português Faustino Xavier de Novaes publicou um artigo assinado por Machado de Assis no qual o escritor não poupava

41 – Folhetim do Jornal do Commercio. A Semana. *Jornal do Commercio*, 19 de julho de 1857. (BNRJ)

42 – NAPOLEÃO, 1907, p. 52.

43 – Folhetim do Jornal do Commercio. A Semana. *Jornal do Commercio*, 10 de agosto de 1857. (BNRJ).

elogios ao talento musical de Arthur Napoleão, comparando-o ao jovem Mozart, que também teve sua carreira tutelada pelo pai Leopold Mozart, cerca de cem anos antes.

[...] Falemos agora de Arthur Napoleão que acaba de chegar ao Rio de Janeiro. Em 1857, aquele prodigioso menino inspirou verdadeiro entusiasmo nesta corte onde acabava de chegar cercado pela auréola de uma reputação. Criança ainda, o prestígio dos tenros anos dava ao seu talento realce maior. Com ele acontecera o mesmo que com Mozart, de quem diz um escritor, aludindo á primeira manifestação do talento na idade pueril – “C`est ainsi que Mozart apprit la musique, comme en se jouant, ou plutôt la musique se revellait dans son ame avec le sentiment de la vie.” Desde os primeiros anos, Arthur revelou-se, e desde logo começou para ele essa série não interrompida de triunfos de que se tem composto a sua existência. Os amigos e os patrícios poderiam desconfiar do seu entusiasmo, e indagar entre si se ele não era efeito de um amor sem exame nem reserva, ou pela interessante criança, ou pelo patrício artista. Essa dúvida, se alguma vez se apresentou no espírito dos patrícios e dos amigos dissipou-se sem dúvida quando Arthur Napoleão entrando nos grandes centros da arte e dos artistas recebeu deles a confirmação solene do baptismo da pátria. Aplausos, ovações, abraços fraternais o receberão, e cada nome que passava, Rossini, Meyerbeer, Verdi, Talberg, Vieux-Temps, Sivori, deixaram uma nota sua, uma linha, uma palavra no álbum do menino artista. Assim cresceu Arthur Napoleão na idade, na glória e no talento: de cidade em cidade, a sua viagem foi um triunfo não interrompido; mas, como verdadeiro artista, não se deixou adormecer nos louros e nas delícias de Capua; estudou viajando e buscou pelo estudo a perfeição. Nem só executa inspirações alheias, tem as suas dos mais originais; e deve-se ao seu estro musical algumas composições esparsas de muito merecimento. Sei mesmo que Arthur Napoleão busca voar mais alto e escrever o seu nome em uma obra duradoura: dois poetas ingleses deitaram mãos á obra, a pedido do compositor, e cada um foi depor-lhe nas mãos um poema dramático, tirado um da comédia de Shakespeare, *Como queira*, e o outro de uma novela de Finimore Cooper⁴⁴.

Fica claro portanto, que todas as atividades exploradas por Arthur Napoleão na sua trajetória, surgiram como desdobramentos da sua car-

44 – ASSIS, Machado de. *Chronica. O Futuro*, 15 de setembro de 1862. (BNRJ).

reira de concertista internacional. A simples presença de um virtuose do piano na capital imperial atraía um grande número de amadores e até mesmo de profissionais do campo da música, que buscavam a oportunidade de conhecer pessoalmente tão importante figura do cenário artístico internacional. Essa competência muito colaborou para prosperidade tanto da Narciso, Arthur Napoleão & Cia., quanto dos demais estabelecimentos dirigidos por Arthur Napoleão⁴⁵.

A prosperidade de uma casa que comercializava partituras musicais trazia naturalmente algumas vantagens para o seu jovem proprietário, sempre ávido pela conquista de novos espaços. A primeira dessas vantagens era o contato com diversos apreciadores das artes, sempre atentos às novidades inspiradas pelo dominante modelo europeu. Esses contatos e a renda advinda das firmas, possibilitaram a inserção do jovem Arthur Napoleão numa vasta rede de sociabilidade, distribuída pelos mais diferentes espaços da cidade, que escolhera para viver até o fim dos seus dias. Dentre esses campos culturais de atuação encontrava-se uma grande e antiga paixão do pianista, que paralelamente a música foi de suma importância por toda a sua vida, a prática do enxadrismo⁴⁶.

Ao sair de Portugal em 1852, a trajetória de Arthur Napoleão foi baseada em horas de estudo sob a severa supervisão do pai, longos períodos de isolamento a bordo dos navios que entrecruzavam oceanos, distribuição de cartas de apresentação, concertos, e por fim, o êxito profissional. Todo esse processo, apesar de estar voltado para o sustento da família Napoleão, e para a conseqüente consagração do jovem músico, talvez não fosse ideal para o desenvolvimento de uma criança, que segundo o próprio pianista achava-se muitas vezes saturado por acordes, letras e algarismos⁴⁷.

45 – BOURDIEU, Pierre. *As regras da Arte Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 170.

46 – BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003, p. 22.

47 – NAPOLEÃO, 1907, p. 3.

A “triste infância” dos prodígios musicais, que eram quase sempre tratados como pequenos adultos, passava por constantes adaptações, evitando qualquer possibilidade de desistência, ou distração de seus misteres. A fala de Arthur Napoleão nas suas *Memórias* reconhece, que o pai, Alexandre possuía uma certa metodologia aceitável para desenvolver ao máximo a potencialidade do filho, mas que não deixava de colocar-lhe sobre os “pequenos ombros” uma responsabilidade inconveniente.

A solução imediata foi encontrar atividades que pudessem distrair, mesmo que sumariamente, a alma infantil, evitando problemas que pudessem eclodir na vida adulta do pianista. Entretanto, por serem muito limitados os espaços de tempo livre na cansativa rotina do musicista, nos únicos momentos distantes das “atividades profissionais”, restava ao pequeno Arthur Napoleão envolver-se na atividades dos adultos, que costumavam se divertir com jogos, geralmente após as apresentações musicais e literárias, que aconteciam na cidade do Porto, entre 1840 e 1850. Ao circular nesse universo, o menino Arthur, ávido por novidades, descreve ter desenvolvido de imediato a paixão pelo jogo de xadrez, que foi incentivada pelo pai, por parecer uma distração eficiente, e incapaz de atrapalhar a carreira do seu prodígio infantil. Desde então, a vida de Arthur Napoleão passou a contar com lições de piano, ensaios, concertos, e a companhia de um pequeno tabuleiro de xadrez.

Em relação a sua carreira internacional, o primeiro país visitado por Arthur Napoleão e seu pai foi a Inglaterra. Ao chegarem a Londres, levados por um vapor inglês, os Napoleão se hospedaram na casa da madrinha de Arthur, a senhora Angelina Alvarenga, em Oxford Terrace, n 30. A família da senhora Angelina visitara a cidade do Porto a negócios, e nessa oportunidade a jovem tornou-se aluna de piano de Alexandre Napoleão, dando início assim a uma profunda relação de amizade, que originou o apadrinhamento de Arthur⁴⁸.

48 – FRIAS, Visconde de Sanches de. *Arthur Napoleão Resenha comemorativa da sua vida pessoal e artística*. Lisboa: Edição promovida e subsidiada por amigos e admiradores do artista, 1913, p. 20.

Angelina Alvarenga dividia a casa com a mãe, a quem todos chama-
vam de senhora Swinbourn e a irmã Celina, casada com um relojoeiro
suíço, o senhor Rochat. Contando com esse ambiente tão familiar, cabia a
Alexandre Napoleão administrar a carreira do filho, procurar os contatos,
entregar as cartas de apresentação e buscar os que seriam os admiradores,
e principalmente protetores de Arthur Napoleão. Nesse novo ambiente,
Arthur Napoleão teve a oportunidade de praticar intensamente o enxa-
drismo dividindo o tabuleiro com o senhor Rochat, que era um grande
apreciador do jogo e acabou por tornar-se um incentivador de Arthur
Napoleão, apesar do pequeno pianista, já haver se deparado com proble-
mas mais intrincados nas partidas que disputara em Portugal, e considerar
o velho Rochat um amador do tabuleiro⁴⁹.

Mais tarde, entre 1858 e 1860, Arthur Napoleão e o pai estiveram
nos Estados Unidos da América, sempre em busca de oportunidades de
apresentações, sendo que nesse período o jovem pianista começava a en-
saiar seus primeiros passos como um adolescente que desejava encon-
trar o espaço necessário para as suas próprias realizações, mesmo que
para isso fosse preciso contrariar as ordens de seu pai. Assim, ao circu-
lar por Nova Iorque mantendo a programação de concertos organizada
por Alexandre Napoleão, Arthur também procurou encontrar-se com os
mais importantes enxadristas da cidade, como Sam Loyd, Miron James
Hazeltine, Charles Henri Stanley e Theodor Lichtenhein, e disputar al-
gumas partidas com esses grandes jogadores. O período dos Napoleão
em Nova Iorque também coincidiu com o retorno do grande enxadris-
ta Paul Morphy da Europa. Morphy que havia derrotado mestres fran-
ceses, ingleses e alemães foi recebido com significativas manifestações
de carinho, e presenteado com um tabuleiro de xadrez cujas peças eram
confeccionadas em ouro e prata numa solenidade em que se encontrava
presente o jovem pianista portuense. O mais importante desses encontros
com Morphy se deu numa noite na qual Arthur Napoleão foi convidado a

49 – *Ibid.*, p. 19.

visitar o *New York Chess Club*. Nessa oportunidade o pianista foi desafiado por Morphy para um confronto no tabuleiro⁵⁰.

Após sua fixação no Rio de Janeiro, em 1868, e o necessário tempo de adaptação para resolução de questões pessoais e profissionais no campo da música, Arthur Napoleão retomou gradativamente suas atividades junto ao universo do enxadrismo como a organização de torneios, eventos e a manutenção de uma relação muito próxima com a imprensa do período, que muito contribuiu para a oficialização do jogo na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1876, Arthur Napoleão foi procurado pelo caricaturista alemão radicado no Brasil, Henrique Fleiuss, que participou ao pianista que iniciaria a publicação de um periódico, a *Ilustração Brasileira* (1876-1878), aproveitando essa oportunidade para convidá-lo a redigir uma coluna sobre o jogo de xadrez. Arthur Napoleão afirmou que inicialmente não se achava preparado para assumir tal incumbência, mas em pouco tempo, por amor ao enxadrismo aceitou o convite. Apesar de em dois anos a *Ilustração Brasileira* ter deixado de existir, Arthur Napoleão relata nas suas *Memórias* que a oportunidade de dedicar-se à divulgação do xadrez fez com que o pianista revivesse sentimentos que envolveram seu espírito na juventude, passando então a adquirir novos livros e estudar profundamente as mais diversas questões relacionadas à prática do jogo⁵¹.

Em 1880, Arthur Napoleão organizou um torneio em sua residência que contou com a presença de Carlos Pradez, Caldas Vianna, Machado de Assis, Navarro de Andrade e Joaquim Palhares.

Torneio de Xadrez. Está-se efetuando atualmente um torneio de xadrez entre seis dos melhores amadores desta Corte. Cada um tem a jogar 4 partidas com o outro e no resultado final, será considerado vencedor. A situação dos jogadores, nesta data é a seguinte: Sr. Machado d' Assis, 6; Arthur Napoleão, 5 ½; C. Vianna, 4 ½; Pradez, 4; Navarro,

50 – *Ibid.*, p. 71.

51 – NAPOLEÃO, Arthur. *Caissana Brasileira*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comercio de Rodriguez & C., 1898, p. 3.

1; Dr. Palhares, 1. Conforme os regulamentos hoje instituídos em toda a parte, as partidas empatadas contam meia partida a cada jogador⁵².

Ao término do torneio Arthur Napoleão saiu vencedor, sendo seguido por Caldas Vianna e Carlos Pradez, no segundo e terceiro lugar respectivamente. Segundo o próprio Arthur Napoleão, esse torneio despertou o interesse da sociedade carioca pelo jogo e conseqüentemente estimulou a organização de outros embates na cidade⁵³.

Ainda em 1880, iniciou-se uma série de torneios no Club Beethoven; Arthur Napoleão recebeu o 1º prêmio e Caldas Vianna ficou com a segunda colocação⁵⁴. Alguns meses depois, o pianista recebeu outro convite, dessa vez do Dr. Luiz de Castro, redator-chefe do *Jornal do Commercio*, para iniciar uma seção sobre xadrez, aos domingos naquele periódico. Arthur Napoleão afirma que essa espécie de “apadrinhamento” por parte de um grande órgão do jornalismo brasileiro foi fator preponderante para que a prática do xadrez pudesse penetrar com firmeza nos mais diferentes espaços da sociedade carioca. Essa seção sobre o jogo, que teve grande aceitação, foi interrompida temporariamente por uma viagem de Arthur Napoleão à Europa e por uma mudança na direção do periódico, passando então a redigi-la o exímio enxadrista Caldas Vianna, que sempre encontrava-se próximo ao amigo Arthur Napoleão em todos os seus projetos sobre a divulgação do jogo⁵⁵.

Paralelamente, o pianista e o fazendeiro Visconde de Pirapetinga, pai do enxadrista Caldas Vianna, organizaram um Club de Xadrez na sede do Clube Polytechnico, localizada na rua da Constituição, nº 47. Essa associação não foi muito duradoura, tendo a prática do enxadrismo se instalado definitivamente no Club Beethoven, onde a partir de 1883 deu-se uma série de torneios. Arthur Napoleão fez parte da comissão organizadora da primeira competição, que teve como vencedor Caldas Vianna, com

52 – Torneio de Xadrez. *Revista Musical e de Bellas Artes*, ano II, n. 2, em 17 de janeiro de 1880. (BNRJ).

53 – NAPOLEÃO, 1907, p. 218.

54 – Notícias Várias. Publicações periódicas. *Jornal do Commercio*, 03 de janeiro de 1886. (BNRJ).

55 – NAPOLEÃO, 1898, p. 4.

Carlos Pradez ficando com a segunda colocação. Após o torneio, durante a distribuição dos prêmios, Caldas Vianna fez uma interessante exibição jogando duas partidas simultaneamente, sem ter qualquer contato visual com os tabuleiros, ganhando uma e perdendo outra, por falha do enunciado de um lance⁵⁶.

Foi organizada uma segunda competição no Club Beethoven, em 1884, que mantendo a tradição premiou Caldas Vianna com a primeira colocação e Arthur Napoleão com a segunda. Mais uma vez, o campeão Caldas Vianna exibiu o seu talento, jogando três partidas, sem ver os tabuleiros, ganhando duas delas e perdendo uma⁵⁷.

Outras atividades desenvolvidas por Arthur Napoleão, como a organização de festas musicais e a administração dos seus estabelecimentos comerciais, acabaram por afastá-lo temporariamente do universo do xadrez. Entretanto, os esforços empenhados até então, despertaram naturalmente o interesse de enxadristas amadores por toda a capital federal. Esses amadores recorreram a Arthur Napoleão, que cedeu às investidas do grupo e organizou um novo Club de Xadrez, localizado na rua do Ouvidor. Arthur Napoleão assumiu a presidência dessa sociedade, contando com a ajuda dos seus amigos Caldas Vianna, Henrique de Villeneuve e Napoleão Jeolás. As viagens do pianista à Europa, afastaram-no do Club, tendo o Visconde de Ivinhema, Almirante Francisco Pereira Pinto substituído Arthur Napoleão na presidência, passando então o pianista a ocupar o cargo de presidente honorário da associação⁵⁸. Alguns anos depois, o Club encerrou suas atividades, em consequência dos desastres da Revolta da Armada em 1893⁵⁹.

Arthur Napoleão, seguindo sua paixão pelo jogo, tornou a organizar uma outra sociedade enxadrista, dessa vez localizada na rua Gonçalves Dias, nº 55. O pianista assumiu a presidência, o vice-presidente eleito foi Caldas Vianna, o Dr. Theophilo Torres o secretário, F. Mandroni o tesou-

56 – *Ibid.*, p. 4.

57 – NAPOLEÃO, 1907, p. 218.

58 – Sport. Xadrez. *Jornal do Commercio*, 11 de janeiro de 1891. (BNRJ).

59 – NAPOLEÃO, 1907, p. 7.

reiro e o Dr. Cesário Machado o comissário. Essa associação originou-se do Club de Xadrez Fluminense, tendo como fato marcante da sua existência a presença do exímio jogador Sittenfeld, que em uma noite jogou vinte partidas simultâneas contra vinte membros do Club, ganhando dezesseis, perdendo duas e empatando duas⁶⁰.

Mais uma vez, em relação à imprensa, no ano de 1897 o periódico *A Notícia* passou a publicar, aos sábados, uma coluna sobre xadrez, com especialidade para problemas em dois lances. O redator era o Dr. Theophilo Torres, que contou com ajuda de Caldas Vianna e de Arthur Napoleão, e estabeleceu um prêmio para o melhor problema publicado a cada semestre. Na primeira das premiações foram vencedores Heitor Bastos e Dr. Luiz A. F. Soares, tendo recebido menções honrosas, os senhores, Maschick, Souza Campos Júnior, Dr. Brotero M. Soares, e Dr. Carlos Keyes⁶¹.

Arthur Napoleão também dirigiu uma seção sobre enxadrismo, que era publicada aos domingos na *Gazeta de Notícias*. Essa coluna que passou a incluir muitos problemas de autoria de enxadristas nacionais, foi encerrada em consequência de uma nova viagem do pianista à Europa⁶².

O ano de 1898 tornou-se marcante para a relação de Arthur Napoleão com a prática do xadrez. Nesse ano o pianista escreveu um livro sobre o jogo, publicado pela Typographia do Jornal do Commercio de Rodriguez & C., que recebeu o título de *Caissana Brasileira*⁶³. Esse título foi inspirado na história de Caíssa, ninfa da mitologia grega, considerada a deusa do xadrez. A relação entre Caíssa e o jogo foi criada pelo poeta inglês Sir Willian Jones, que em 1763 escreveu o poema “Caíssa”, ou “Jogo de Xadrez”, inspirado no *Scacchia Ludus* (jogo de xadrez), um poema medieval, escrito em latim por Marcus Hieronymus Vida em 1513. No

60 – *Ibid.*, p. 7.

61 – *Ibid.*, p. 5.

62 – *Ibid.*, p. 222.

63 – *Ibid.*, p. 7.

poema de Sir Willian Jones, Marte, o deus da guerra, convence o deus dos esportes a inventar um jogo para distrair o coração de Caíssa, na intenção de conquistar o seu amor. O poema “Caíssa” foi publicado pela primeira vez em 1773. Porém, foi somente em 1836, ao ser republicado na revista *Le Palamedé*, o primeiro periódico sobre xadrez conhecido, que Caíssa passou a ser chamada de “a deusa do enxadrismo”, como uma forma poética de se referir ao jogo e desejar boa sorte⁶⁴.

A *Caissana Brasileira* de Arthur Napoleão se encarregava de apresentar, pela primeira vez em língua portuguesa, um trabalho sério sobre o enxadrismo. O livro continha um breve panorama histórico do xadrez, incluindo seu código de leis baseado numa bibliografia consistente e uma série de anotações sobre a prática do xadrez, capaz de esclarecer dúvidas até mesmo dos mais experientes jogadores. Além de reunir cerca de quinhentos problemas de autores nacionais e estrangeiros residentes no Brasil, apresentando suas soluções e listando os torneios de xadrez realizados no Rio de Janeiro desde a chegada do autor na cidade, em 1868, até a data da publicação do livro. Para escrever *Caissana Brasileira*, Arthur Napoleão consultou os melhores autores e teve o auxílio de três *experts* no assunto que se encontravam na cidade, o jogador francês Sittenfeld, o campeão João Caldas Vianna Neto e o Doutor Theophilo Torres.

Na introdução do livro, Arthur Napoleão relata que na sua primeira viagem ao Brasil, em 1857, eram citados como enxadristas importantes, o Dr. Pennell, o negociante inglês Jordan Cruise e senhor Elkin Hime, chefe de uma importante casa comercial carioca. O Ministro da Prússia, o Barão von Heydebrand und der Lasa, que esteve no Brasil nos anos de 1858 e 1859, também tem destaque no livro do pianista, como um jogador de primeira grandeza. Alguns anos mais tarde, a lista de nomes de referência ligados ao jogo no Rio de Janeiro, passa a incluir os nomes de Carlos Pradez e do próprio Arthur Napoleão.

64 – SOARES, C. S. Machado de Assis, o enxadrista. *Revista Brasileira*. Fase VII, nº 55, Ano XIV, 2008, p. 135-152, Abril-Maio-Junho. (ABL).

Quanto aos problemas apresentados no livro, alguns foram reconhecidos em importantes periódicos internacionais especializados na prática do enxadrismo, como os de autoria de Caldas Vianna e R. Eichbaum, reproduzidos e elogiados no famoso tratado de *Tolosa Carrera*. O *Bretanos Chess Monthly* (1882) afirmou que o problema proposto por Caldas Vianna, publicado na *Caissana Brasileira* sob o nº 185 (3 lances), seria digno de um primeiro prêmio em qualquer torneio.

O *Jornal do Commercio* promoveu em 1887, um torneio de xadrez do qual Arthur Napoleão fez parte do comitê organizador, junto com o Dr. G. Sauerbronn e o senhor J. M. Bastos Pereira. A primeira colocação ficou com Caldas Vianna, seguido por Rodolpho Eichbaum, Dario Galvão, Luiz A. Ferreira Soares e Napoleão Jeolás⁶⁵. Algumas jogadas desenvolvidas nesse torneio foram incluídas no livro de Arthur Napoleão. Dentre estas uma de autoria do próprio pianista, que no seu livro recebeu o nº 93 e foi reproduzida em diversas revistas especializadas em enxadrismo da Europa e América⁶⁶.

Através da descrição dessas jogadas, Arthur Napoleão destaca o talento dos enxadristas cariocas, que muito o ajudaram tanto na formulação de problemas, quanto na própria organização do livro. Entre os jogadores que tiveram problemas formulados na *Caissana Brasileira*, encontram-se os amigos de Arthur Napoleão, Machado de Assis com um problema em dois lances, sob o nº 17 e o diretor do *Instituto Nacional de Música* Leopoldo Miguez com um em três lances, nº 83. Arthur Napoleão também cita os seus irmãos Aníbal, que faleceu em 1898, e Alfredo Napoleão como interessados na prática do xadrez.

Já em relação a suas próprias produções, Arthur Napoleão afirmou que parte de seus problemas haviam sido compostos há mais de trinta anos e encontravam-se em níveis diferenciados dos produzidos mais recentemente. Alguns desses foram publicados em periódicos especializa-

65 – Primeiro torneio de problemas de Xadrez, no anno de 1887. v.1. *Jornal do Commercio*, 12 de agosto de 1888. (BNRJ).

66 – NAPOLEÃO, 1898, p. 5.

dos, além de fazerem parte do acervo reunido na *Caissana Brasileira*, como por exemplo, os problemas de três lances nº 85 e nº 86, incluídos no *Clipper Chess problem tournament*, 1860, de autoria de Hazeltine, enquanto o de dois lances nº 21 foi publicado num Jornal de Nova York em 1859.

Em 09 de agosto de 1897, ocorreu no Theatro São Pedro uma festa beneficente que contou com uma exibição especial, uma partida de xadrez, na qual foram utilizadas peças vivas. Essa partida, que terminou em empate, foi dirigida pelo Doutor Theophilo Torres e Arthur Napoleão. As peças principais foram representadas por importantes membros da sociedade carioca do período, enquanto crianças elegantemente vestidas assumiram o papel dos peões⁶⁷.

O pianista portuense listou na sua *Caissana Brasileira* o nome das pessoas que tomaram parte no evento: Peças brancas – Rei: senhor Barten Allen, Rainha: senhoritas Stella Wilson e Sylvia Faria, Bispos: senhores Bahiana e Garcia, Cavalos: senhores Franklin e Davies. Peças pretas – Rei: senhor Cabaret, Rainha: senhorita Soares Brandão, Torres: senhoritas Rasteiro, Bispos: senhores Youle e Peck, Cavalos: senhores Pacheco e Souza Campos Junior⁶⁸.

Quanto à bibliografia utilizada para a redação da *Caissana Brasileira*, Arthur Napoleão afirma ter contado com um acervo de quase quinhentos volumes. Segundo o autor, algumas dessas obras seriam indispensáveis a qualquer interessado em conhecer mais sobre o universo do xadrez, independentemente de ser um jogador profissional ou um mero amador. O *Durand et Preti – Ouvertures et fins de parties*, de quatro volumes, e o *Numa Preti – ABC*, são descritos como de grande valor, reunindo interessantes questões sobre o jogo. Outros livros citados são o alemão *Handbuch de Bilguer*, os ingleses *Modern Chess Instructor*, de Steinitz, a obra de Freebourough: *Chess Openings e Chess Endings* e o *Cook-Synopsis*. Em relação aos problemas, Arthur Napoleão indica como prin-

67 – *Ibid.*, p. 6.

68 – *Ibid.*, p. 6.

cipais livros o *Traité Analytique* de Tolosa Carreras, o *Chess Its Poetry and Prose* de Makensie, além das obras de Mrs. Rowland e Wm. Lyons. As coleções de partidas recomendadas são as do enxadrista Paul Morphy, editadas por Lowenthal, os *Chess Brilliants* de Taylor e os *Chess Studies* de Walker⁶⁹.

O pianista lista ainda o nome de todos os enxadristas que colaboraram com a sua obra, enviando-lhe problemas para serem publicados. Compõe essa lista, os nomes de Dr. Diogo d'Almeida, Dr. Cyriaco do Amaral, Avellar Filho, Heitor Bastos, Luiz A. Cardoso Braga, A. de Souza Campos Júnior, Dr. Augusto de Castro, Dr. Barros Cobra, Emilio Coelho, Jacintho Coelho, Dr. J. Mariano da Costa, Rodolpho Eichbaum, Augusto Silva Enkel, Dr. Francisco Feio, Dr. Alfredo Ferreira, E. Fomm, Fonseca Júnior, Dr. Dario Galvão, Miguel Genin, Dr. Arthur Greenhalgh, Napoleão Jeolás, H. P. Jorgensen, Dr. Carlos Keyes, Korff, Benjamin Labottière, Dr. Maurício Levy, E. Cirne Lima, A. Ferreira Lobo, Machado de Assis, Dr. Carlos Thomaz Magalhães Gomes, Dr. Mendes Pereira, A. G. Meschick, Leopoldo Miguez, Eugenio Monteiro de Barros, Alfredo Napoleão, Aníbal Napoleão, Dr. J. Nazareth, José Nunes, Eduardo Octaviano, O. de Oliveira, Pealm, F. Pedroza, Dr. Julio Pinkas, D. de Mendonça Pinto, Dr. Luiz Ribeiro, Dr. Crockatt de Sá, Almirante Luiz F. Saldanha da Gama, Dr. Gustavo Sauerbronn, Augusto Silva, Pedro da Silveira, Padre Silvério, Augusto Silvestre Paes de Barros, Dr. Brotero M. Soares, J. E. Macedo Soares, Dr. Luiz A. Ferreira Soares, Álvaro Carvalho de Souza, Baron E. Taffe, Mario Tavares, Nicolau Tavares, Dr. Theophilo Torres, Dr. Valentim, Vater, Dr. João Caldas Vianna e Ernesto Werna.

Arthur Napoleão conclui a sua *Caissana Brasileira*, afirmando que, “O Xadrez deve ser cultivado sem prejuízo de outras ocupações sérias da vida – o tempo bem distribuído chega para uma enorme quantidade de cousas –, e é fora de dúvida que o Xadrez moraliza, desenvolve e eleva o espírito. Rio, 30 de junho de 1898⁷⁰”.

69 – *Ibid.*, p. 392.

70 – *Ibid.*, p. 392.

Em 30 de outubro de 1898, o *Jornal do Commercio* publicou um artigo no qual agradecia a Arthur Napoleão pelo livro *Caissana Brasileira*, que segundo o periódico supria uma lacuna frente ao crescimento dos admiradores do “rei dos jogos e do jogo dos reis⁷¹”.

Dois meses mais tarde, em 18 de dezembro, o *Jornal do Commercio* transcreveu uma carta do enxadrista, diplomata e historiador alemão Barão Heydebrand der Lasa que havia visitado o Brasil em 1858. A carta era endereçada a Arthur Napoleão e não poupava elogios à publicação da *Caissana Brasileira*, reforçando a ideia da importância do livro para enxadristas nacionais e estrangeiros.

Sr. Arthur Napoleão – Wiesbaden 20 de novembro de 1898. Há dias tive o prazer de receber por intermédio do Sr. Preti, a vossa *Caissana*. Sinceramente vos agradeço a remessa, e particularmente a lisonjeira dedicatória com que dotastes o volume. De facto bem merecestes reunindo em uma coletânea geral os diferentes factos e trabalhos avulsos que o tempo ameaçava fazer perder. A vossa narração histórica deve ser mui completa, por isso que até menciona um incidente tão pouco importante como a minha estadia passageira no Brazil em 1858-59, que me deu a vantagem de ler o português sem dificuldade. Há quatro anos, pouco mais ou menos, tive ensejo de reatar relação com um antigo conhecido meu no Brazil, o Sr. Harriss Gastrell, que era ultimamente Ministro Inglês em Guatemala, e que depois deixou a carreira. Anteriormente tínhamos estados juntos no Rio, onde ele frequentava as reuniões particulares de um pequeno circulo interno de amadores de xadrez. Por vezes eu aparecia nessas reuniões, mas somente quando, para o expediente de negócios, deixava a minha residência habitual de Petrópolis para ir à cidade. O Sr. Gastrell e eu, revendo-nos em Wiesbaden, volvidos tantos anos, acordamos á nossa memória, entre outras cousas relativas ao Brazil, as sessões de xadrez, das quais talvez sejamos hoje os únicos participantes vivos. Quanto ás reuniões, não me ocorrem mais nem o seu número, nem as pessoas que delas participavam: recordo-me, porém, com segurança que joguei algumas partidas no pequeno Club, sem que entretanto fosse assinalada qualquer cousa digna de nota. O apêndice dos vossos problemas é muito interessante. Examinei com atenção a extensão assás considerável da

71 – O Jogo do Xadrez. *Jornal do Commercio*, 30 de outubro de 1898. (BNRJ).

vossa coleção de obras de xadrez. Atualmente a vossa biblioteca deve ser certamente a mais notável de toda a América Meridional, e não desejo errar dizendo que não cessarei de aumentá-la. Recebei, etc. — Heydebrand und der Lasa⁷².

Ressaltamos que na página final da *Revista Musical e de Bellas Artes* havia um espaço reservado ao enxadrismo. A diagramação dessa seção do periódico apresentava o desenho de um tabuleiro, sobre o qual era proposta a criação ou solução de uma jogada. A seção permitia a integração com os leitores, muitos dos quais enxadristas profissionais ou amadores que se correspondiam com a revista, enviando questões para serem analisadas e posteriormente publicadas. Assim, a inclusão de uma página sobre o enxadrismo no editorial da *Revista Musical e de Bellas Artes* ampliava tanto o seu campo de interesse, quanto a conseqüente apreciação por parte de outros membros da elite cultural cidadina, dentre os quais era constante o nome de Machado de Assis⁷³.

O desejo do escritor em aprofundar seus conhecimentos na prática do enxadrismo pode ter se iniciado entre os anos de 1862 e 1865, por incentivo do amigo Arthur Napoleão, que visitava o Brasil pela segunda vez nesse período. A prática do jogo faz parte de alguns contos do escritor como, *Questão de vaidade* (1864), *Astúcias do marido* (1886), *História de uma lágrima* (1867), *Ruy de Leão* (1872), *Qual dos dois* (1872), *Antes que cases* (1875); do romance *Iaiá Garcia* (1878) e da novela *A cartomante* (1884). O escritor ainda chegou a frequentar algumas das mais importantes agremiações de xadrez, espalhadas pela cidade, e o pianista costumava discutir com o amigo questões sobre o jogo⁷⁴.

Rio de Janeiro, 25 de dezembro de [...] Meu caro Machado. Eu creio ter-te dito ontem que te dava o problema como muito bonito e difícil; tão difícil que não julgo que terei quem o possa resolver. Quando li, pois, o teu cartão não julguei por um momento que em 12 horas o

72 – Xadrez. *Jornal do Commercio*, 18 de dezembro de 1898. (BNRJ).

73 – MEDEIROS, 2016, p. 85 -104.

74 – SOARES, C. S. Machado de Assis, o enxadrista. *Revista Brasileira*. Fase VII, nº 55, Ano XIV, 2008, artigo:, p. 135-152.

tivesses resolvido! Há mil jogadas neste problema que parecem ser as verdadeiras e afinal não são.

Tu envias-te-me: 1. B. 2 R 1. D. 3 R 2. D. 8 CD 2. Aqui se eu tivesse a condescendência de jogar como tu indicas eu estaria mate em 4, mas eu prefiro responder com 2. D. 4 B. Parece-me suficiente indicação. Desculpa, e trabalha de novo, fica certo de que se resolveres o problema eu te considero um grande homem na matéria. Em compensação, quando quiseres eu te mando a solução, que te há de deixar boquiaberto!!... Mais nada. Teu amigo certo A. Napoleão⁷⁵.

Machado de Assis e Arthur Napoleão teriam a consagração desses laços de amizade alguns anos depois, quando o acaso colocou-os frente a frente. Esse reencontro deu-se em função da chegada da senhorita Carolina Augusta Xavier de Novaes à cidade do Rio de Janeiro. A jovem Carolina deixou a cidade do Porto com o intuito de cuidar do seu irmão, o jornalista, poeta e escritor português Faustino Xavier de Novaes, que residia no Brasil desde 1858, e que nesse momento encontrava-se hospedado na residência da senhora Rita de Cássia Calasans Rodrigues, filha dos Barões de Taquary, por estar sofrendo das faculdades mentais⁷⁶.

Quanto ao acaso, a família de Arthur Napoleão mantinha uma antiga relação de amizade com a família Novaes, que pode ser comprovada por uma poesia escrita por Faustino, em 09 de dezembro de 1862, dedicada a Arthur Napoleão, e publicada no periódico *O Futuro*⁷⁷. Nada mais simples do que os Novaes contarem com a ajuda do velho amigo pianista, que se encontrava na sua cidade natal, solicitando que Arthur Napoleão acompanhasse Carolina Novaes na sua primeira viagem ao Brasil. Assim, desembarcaram no porto do Rio de Janeiro, em 18 de junho de 1868, trazidos pelo navio francês *Estreamadure*, Carolina Augusta Xavier de

75 – COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo II, 1870-1889 /coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério – Rio de Janeiro: ABL, 2009, [171], p. 168. O bilhete não apresenta qualquer indicação de data. Entretanto, o texto referencial cita que o texto está redigido num papel com monograma ANLS (*Arthur Napoleão Livia Santos*), possivelmente impresso durante a primeira viagem do casal à Europa, entre 1873 e 1876.

76 – NAPOLEÃO, 1907, p. 142-143.

77 – Arthur Napoleão. *O Futuro*, 01 de janeiro de 1863. (BNRJ).

Novaes e Arthur Napoleão, o qual chegava ao Brasil pela quarta vez⁷⁸. Nessa ocasião, Machado de Assis foi apresentado por Faustino Xavier de Novaes àquela que seria sua companheira de toda a vida e simultaneamente teve o prazer de reencontrar-se com o amigo Arthur Napoleão. Em 12 de novembro de 1869, Carolina Augusta Xavier de Novaes casou-se com o escritor Machado de Assis e como era de se esperar Arthur Napoleão foi convidado para ser padrinho do enlace matrimonial⁷⁹.

Arthur Napoleão presidiu um Club de Xadrez, que mantinha sua sede social na rua Sete de Setembro, n. 95⁸⁰, e fez parte da Comissão Diretora de um torneio de xadrez, em 03 de agosto de 1902, no Club dos Diários. Esse torneio reuniu amadores nacionais e estrangeiros, e também contou com o Conde de Figueiredo e Harold Hime na sua organização⁸¹.

Em 01 de dezembro de 1902, se realizou pelo telégrafo um *match* de xadrez entre o Club dos Diários e o Club del Progreso de Buenos Aires, mediado pela *Western Telegraph Company*. O Brasil foi representado por João Caldas Vianna, Arthur Napoleão, Luiz Eisengarthen, Henrique Costa, e Theóphilo Torres⁸²

Segundo as *Memórias* do pianista, a exibição com peças vivas, apresentada no Theatro São Pedro, em 1897, foi reapresentada em 1904, no Parque da Praça da República, numa outra festa beneficente promovida pelo Prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos. O pianista e o Doutor Henrique Costa dirigiram essa partida, que contou exclusivamente com a participação de crianças, que simularam durante a exibição um combate entre russos e japoneses, aludindo à guerra em curso entre os Impérios Russo e Japonês, pela disputa dos territórios da

78 – VIANNA FILHO, Luiz. *A vida de Machado de Assis*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974, p. 79.

79 – NAPOLEÃO, 1907, p. 157.

80 – Club de Xadrez. *Gazeta de Notícias*, 20 de maio de 1899. (BNRJ).

81 – Club dos Diários. *Gazeta de Notícias*, 04 de julho de 1902. (BNRJ).

82 – Match de Xadrez Brasil-Argentina. *Gazeta de Notícias*, 08 de dezembro de 1902. (BNRJ).

Coreia e da Manchúria, que ocorria no sudeste asiático e se estenderia até 1905⁸³.

Por fim, considerando que a análise da trajetória de uma vida está definitivamente comprometida com o espaço social que a cerca, e que não podemos analisar tal trajetória sem observar a “pluralidade de campos”, nos quais ela se desenrolou a cada instante e conseqüentemente as relações com os demais agentes do período e o ambiente em questão, pois acreditamos que cada indivíduo participa de algum modo dos diversos contextos que o cerca através de inúmeras dimensões⁸⁴, reconhecemos que o consagrado concertista internacional, Arthur Napoleão tornou-se um importante personagem no processo de desenvolvimento de dois círculos de sociabilidade do período, a música e o xadrez⁸⁵, ao reunir em torno do piano e do tabuleiro uma elite intelectual capaz de decifrar e apreciar os códigos desses dois campos, formadores de um amplo circuito de contatos sociais e trocas culturais no Rio de Janeiro do fim do Oitocentos⁸⁶.

Texto apresentado em novembro de 2020. Aprovado para publicação em abril de 2021.

83 – NAPOLEÃO, 1907, p. 142-143.

84 – BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica, 1986. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002, p. 189-191.

85 – Em março de 2012, o *Jacarepaguá Tênis Clube*, organizou um torneio de xadrez, que recebeu o nome de Torneio Arthur Napoleão, em homenagem ao pianista. Nesse torneio foi vencedor o enxadrista Fábio Lopes Novais (rating FIDE 2131). (<http://www.wsc.jor.br/xadrez/jtc/jtc.htm#Top>). Acesso em: 02.03.15.

86 – BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 105.